

# Maré

## de Notícias

Bairro Maré / Rio de Janeiro - Ano 1 | nº 5 - Abril de 2010

Francisco César /Imagens do Povo



No Morro do Bumba, em Niterói, o risco é visível

**D. Lourdes, da Vila do João, recebe prêmio Mestre do Saber graças aos conhecimentos sobre fitoterapia e outras terapias alternativas. Pág. 3**

Elisângela Leite



Muro é instalado só onde tem comunidade

## Sociedade discute megaeventos

O Rio sediará a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Para preparar a cidade para os dois eventos uma série de obras está sendo planejada na cidade pelos governos federal, estadual e municipal e também pela iniciativa privada. Uma delas é o muro ao longo das Linhas Vermelha e Amarela, já em fase final de instalação na área da Maré pela Lamsa em parceria com a Prefeitura. **Pág. 5**

## Chuva de descaso

As fortes chuvas de abril trouxeram morte e tristeza. E a resposta dos governantes veio na forma de dois decretos, um do estado e outro da Prefeitura do Rio, permitindo o uso da força para a retirada de moradores de áreas consideradas de risco. A Prefeitura pretende demolir diversas casas, mesmo que não tenham sido atingidas pelo temporal. No Morro dos Prazeres, em Santa Tereza, todos os moradores estão ameaçados de remoção. **Pág. 6**

## Mulheres na construção

As mulheres ganham cada vez mais espaço no mercado de trabalho. Uma das novas frentes é a construção civil. Quem acompanha, garante que elas são mais zelosas, o que contribui para a qualidade do serviço, principalmente na hora do acabamento. Por causa disso, têm surgido cursos de capacitação voltados para o público feminino. **Pág. 11**

Rosilene Millotti



Obras do PAC do Alemão

## Pais e filhos em alerta

O desaparecimento de crianças e adolescentes é mais comum do que se imagina. Felizmente a maior parte dos casos tem final feliz: os filhos são encontrados sãos e salvos. Mas é sempre bom tomar cuidados. Saiba o que você deve fazer e o que deve evitar para proteger sua família. **Pág. 9**

Rosilene Ricardo



Lenivanda e Gisela (na foto)

**Articlistas deste mês escrevem sobre a construção do muro – “Para inglês não ver” – e sobre as chuvas – “O problema está no asfalto”. Pág. 8**

**Expediente**

**Instituição Proponente**  
Redes de  
Desenvolvimento da Maré

**Diretoria**

Eblin Farage  
Edson Diniz  
Eliana Sousa Silva  
Fernanda Gomes

**Coordenadora do  
Setor de Comunicação**  
Viviane Couto

**Instituição Parceira**  
Observatório de Favelas

**Apoio**

Ação Comunitária do Brasil  
Biblioteca Comunitária  
Nélida Piñon

Centro de Referência  
de Mulheres da Maré -  
Caminha Rosa

Conexão G

Lona Cultural da  
Praia de Ramos

Luta pela Paz

União Esportiva  
Vila Olímpica da Maré

**Editora executiva e  
jornalista responsável**

Silvia Noronha  
(Mtb - 14.786/RJ)

**Repórteres e redatores**

Hélio Euclides  
(Mtb - 29919/RJ)

Marianna Araujo  
Rosilene Miliotti  
(Estagiária)

Rosilene Ricardo  
(Estagiária)

Viviane Couto  
(Repórter Comunitária)

Vitor de Castro  
(Mtb 30.325/RJ)

**Fotógrafa**

Elisângela Leite

**Projeto Gráfico e  
diagramação**

Anna Iannini

**Logotipo**

Monica Soffiatti  
(com foto de Genilson Araújo)

**Assistente gráfico**  
Felipe Reis

**Colaboradores**

Anabela Paiva,  
Aydano André Mota,  
Elisângela Leite,  
Flávia Oliveira,  
Imagens do Povo,  
Marília Gonçalves.

**Impressão**

News Technology Gráfica  
Editora Ltda

**Tiragem**

30.000

**Redes de  
Desenvolvimento da Maré**

Rua Sargento Silva Nunes,  
1012, Nova Holanda / Maré  
Informações: (21) 3104.3276  
(21)3105.5531

www.redesdamare.org.br

redesdamare@redesdamare.org.br

**Parceiros**

**BR PETROBRAS**

**act:onaïd**

**Editorial****Enfim, de cara nova!**

Nesta edição, *Maré de Notícias* ganha identidade visual. A logomarca foi criada pela designer Monica Soffiatti, que ainda está preparando outras mudanças na “cara” do jornal. A foto que compõe a logomarca é de autoria do repórter aéreo Genilson Araújo, da rádio CBN, que clicou a Maré quando sobrevoava o bairro de helicóptero.

Como já anunciado, o concurso cultural “Por um jornal da Maré: Diga que nome você quer!” recebeu mais de 500 sugestões e o vencedor foi Felipe Meireles, de 11 anos, morador da Nova Holanda. O prêmio foi um computador, entregue no fim de março.

Nesta edição, preparamos um leque diversificado de matérias. As chuvas de abril não poderiam ficar de fora, porque moradores de várias comunidades cariocas estão vivendo sob a ameaça de remoção à força, o que é contra a Lei Orgânica do Município (leia nas páginas 6 e 7 mais o artigo na pág. 8).

Aguarde as próximas surpresas do jornal!  
E boa leitura!



Felipe e seu computador

Rosilene Ricardo

**CARTAS****“Necessidades” na rua**

Louvamos a preocupação das autoridades com a prática de fazer “xixi nas ruas”, pois além do atentado ao pudor, a urina contém ácidos capazes de danificar estruturas ferrosas das construções públicas. No centro de Niterói, visualizamos o fenômeno nas saídas dos bares. Após consumirem muitas cervejas e chopes, os consumidores não encontram banheiros. Muitos balconistas alegam que o

banheiro está com problemas, então os usuários usam a rua. Entretanto, os donos dos meios de produção, os capitalistas, ganham “rios” de dinheiro com a comercialização de cervejas. Logo não é justo que o povo pague a conta do banheiro. O governo deve criar uma metodologia ou uma lei que obrigue as cervejarias a se responsabilizarem pela construção e manutenção de banheiro público e de “graça”.

*Carmem Lúcia Rodrigues*

**Erramos**

Na edição nº 4, de março, na foto maior da reportagem “Futsal atrai a garotada” (pág. 3), a pessoa de camisa do Flamengo é, na verdade, Renato Nascimento, morador da comunidade Salsa e Merengue que ajuda na escolinha local de futsal.

**PROPOSTAS PARA A SEGURANÇA PÚBLICA**

Moradores e lideranças comunitárias da Maré enviaram para Brasília cinco propostas para a reestruturação do Conselho Nacional de Segurança Pública (Conasp), órgão que definirá as políticas de governo para o setor. As sugestões são: 1) que o Conasp tenha um papel de proposição e avaliação de políticas de segurança pública, assegurando que estas sejam pautadas nos direitos humanos e com diálogo mais direto com as favelas; 2) que as entidades da sociedade civil de abrangência local tenham o direito de se candidatarem ao Conasp; 3) que o Conselho conte com pelo menos um representante da sociedade civil para cada estado da federação; 4) que sejam realizadas consultas públicas nos estados; 5) que sejam criados espaços de divulgação das ações do Conasp. A Consulta Livre da Maré ocorreu em 27

de março, promovida pela Redes de Desenvolvimento da Maré em parceria com o Observatório de Favelas e apoio de oito associações de moradores e 12 instituições atuantes no bairro.

**MONITORAMENTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS**

A Prefeitura do Rio lançou novo portal na internet (<http://www.rio.rj.gov.br>), que concentra as informações, como endereço e telefone, de todos os órgãos municipais. Traz também notícias sobre os programas em andamento, como o Minha Casa, Minha Vida, realizado em parceria com o governo federal. Os moradores interessados podem fazer inscrição no próprio site.

# Mestre do Saber na Vila do João

Mestre em tratamento com plantas medicinais, D. Lourdes ajuda muita gente na cidade



D. Lourdes em sua horta que tem terramicina, cana do brejo, mercúrio, etc

Texto e fotos: Sílvia Noronha

D. Maria de Lourdes do Nascimento, de 66 anos, moradora da Vila do João, já perdeu a conta de quantas pessoas ela ajudou nos últimos 20 anos. Sua experiência lhe rendeu o prêmio Culturas Populares 2009 - Mestre do Saber, concedido pelo Ministério da Cultura. É que D. Lourdes é especialista em terapias alternativas. Ela é fitoterapeuta, ou seja, ajuda a tratar problemas de saúde com o uso de plantas medicinais, preparadas como chás, garrafadas, pomadas, xampus, sabões, tudo sem química.

O trabalho artesanal é feito com base na sabedoria dos povos antigos. Por exemplo: quase todo mundo sabe que arnica é bom para cicatrização. Na Europa, a arnica já era usada pelos povos antes do ano de 1500. Pois é, D. Lourdes sabe muito mais do que isso. Conhece os benefícios gerados por dezenas de plantas e sabe de que maneira cada uma delas deve ser preparada para fins medicinais. Saião para problemas respiratórios e antiinflamatório, mercúrio para machucado, cana do brejo como diurético e por aí vai.

“Não é para substituir o remédio receitado pelo médico. A pessoa deve ir ao médico, deve seguir as orientações dadas por ele e fazer uso do tratamento caseiro como uma alternativa, um reforço para a cura”, explica. Segundo ela, muitos médicos não gostam que pacientes façam uso da fitoterapia, mas vários concordam.

## Vizinhança aprova a ideia

Muitos vizinhos da Vila do João e da Vila do Pinheiro procuram a ajuda de D. Lourdes. Terezinha Lins do Nascimento, de 44 anos, também moradora da Vila do João, tomou garrafada para tratar um mioma. Garrafada é um preparado de plantas com vinho ou cachaça em infusão. Em dois meses, o mioma sumiu, o que foi comprovado em exames de laboratório. “O médico tinha dito que o problema não sumiria, mas sumiu mesmo”, conta. Tempos depois, Terezinha tomou garrafada para emagrecer. Na verdade, chama-se garrafada para perder barriga. Perdeu dez quilos. Atualmente faz uso da fitoterapia para combater os sintomas da menopausa.

O filho dela, de 14 anos, no último verão teve pneumonia. Além do remédio receitado pelo médico, o rapaz fez uso do tratamento complementar e ficou bom. “É o melhor remédio que tem esse feito de plantas e ervas. Não agride tanto a nossa saúde e funciona”, avalia



Xaropes, garrafadas, sabão e complemento alimentar

Terezinha, que já não acorda durante a madrugada sentindo os calores da menopausa.

A família de D. Lourdes também apoia a ideia. No início do ano, a nora dela, Edileusa Ramos Sobrinho, de 41 anos, tomou um tremendo susto. Passou um óleo caseiro feito de figo e foi à praia pegar sol. Resultado: ficou com queimaduras graves, com bolhas pelo corpo inteiro. D. Lourdes, claro, foi socorrer a nora. Usou argila e babosa e Edileusa não tem uma marca de queimadura pelo corpo.

## Respeito pelo tratamento médico

O conhecimento de D. Lourdes sobre as plantas medicinais começou nos tempos de criança, vendo o pai cuidar da horta e preparar muitos chás para as pessoas que o procuravam. Isso foi em Caruaru, em Pernambuco, de onde a família veio para o Rio de Janeiro há 35 anos. Há 20 anos D. Lourdes fez o curso de promotora de Educação e Saúde na Pastoral da Saúde e não parou mais de aprofundar seus conhecimentos. Desde então se tornou professora do curso, aplicado pela Cáritas Arquidiocesana em várias partes do Grande Rio.

“O importante é capacitar outras pessoas. Não quero uma coisa só pra mim. Esse é um trabalho de multiplicação”. Ela explica que existe uma técnica de preparo para cada planta. Mesmo um chá tem segredos que ela revela a quem lhe procurar para que a pessoa possa fazer sozinha em casa. Ela ensina até a maneira certa de cultivar as plantas numa horta. E não cobra um valor fixo, mas aceita uma ajuda de custo para poder continuar seu trabalho. Além de fitoterapia, D. Lourdes hoje também aplica massoterapia, reflexoterapia e jin shin jyutsu, uma arte desenvolvida no Japão para ajudar o ser humano.

Para saber mais -

D. Lourdes - tel.: 3976-8234  
ou 9870-6024



Terezinha, que curou um mioma: “É o melhor remédio que tem”

# O protagonismo da favela

Políticas que criminalizam a pobreza não poderão nunca atender os moradores de favelas

Texto: Marianna Araújo e Marília Gonçalves  
Foto: Elisângela Leite

Uma das lutas históricas dos moradores de favelas e dos movimentos comunitários é aquela ligada ao combate dos estereótipos que frequentemente são usados para retratar os espaços populares. No Rio de Janeiro, em especial, as favelas são retratadas na imprensa quase que exclusivamente relacionadas à violência e à criminalidade. E na cobertura de crimes é comum que haja uma dependência quase que total das fontes policiais.

Em pesquisa realizada pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC) junto a jornalistas sobre a cobertura de violência, publicado em 2007, mais de 50% dos entrevistados afirmaram utilizar apenas uma pessoa ou instituição como fonte de dados ou informações. Os jornalistas também revelaram que na maior parte das vezes esta fonte está ligada a um batalhão da Polícia Militar (PM) ou a uma delegacia da Polícia Civil. As vítimas de violência aparecem em segundo lugar como fonte das matérias, com apenas 9,7% no levantamento nacional. Em terceiro lugar surgem os poderes executivos federal, estadual e municipal, com 8,5% (incluem-se aqui as secretarias de segurança). Os especialistas aparecem em pequeno número, 4,6%. A sociedade civil corresponde a menos de 1% das principais fontes ouvidas.

## Visão da favela

O papel de uma imprensa comprometida com o interesse de todos não é omitir os problemas e a violência que existem nas favelas e periferias; mas é dar espaço também à pluralidade, ou seja, às várias experiências vividas pelos moradores dessas localidades. É o que destaca o deputado estadual Marcelo Freixo. Segundo ele, a superação dos problemas que se encontram nas favelas está ligada à autonomia desses espaços. “É absolutamente impossível resolver os problemas da cidade sem dar protagonismo às favelas”, afirma.

O deputado enfatiza que a diminuição da violência depende diretamente de políticas que permitam superar as desigualdades urbanas, mas não só isso. É preciso também superar o discurso do confronto que tem sua base na criminalização das populações que vivem em espaços populares e acaba por legitimar uma política de segurança pautada em ações bélicas, de guerra. Para Freixo, esse contexto leva a uma “policização do cotidiano”. “A afirmação de que a comunidade só tem duas opções – o tráfico ou a polícia – é muito

perversa, porque em nenhum momento ela escolheu o tráfico, mas conviveu com ele também como vítima”.

O advogado João Tancredo, do Instituto de Defensores dos Direitos Humanos, destaca que além desta militarização dos territórios, o discurso que criminaliza a favela endossa ainda a ideia de que é preciso isolá-la. Cria-se a falsa noção de que elas não fazem parte da cidade e, ao invés de integrá-las, procura-se extirpá-las da visão das classes mais abastadas. “É esse tipo de visão que garante, por exemplo, a construção de muros para isolar as comunidades e para justificá-los utilizam essa desculpa da barreira sonora ou ambiental, por exemplo”, afirma o advogado.

Políticas públicas que possam efetivamente resolver as questões que perpassam o cotidiano da favela precisam necessariamente romper com essas visões. O Estado existe para atender às demandas de todos os cidadãos. E para a polícia, matar não é uma estratégia de ação, mas um último recurso... ou pelo menos deveria.

## FÓRUM SOCIAL URBANO

Marcelo Freixo e João Tancredo participaram de uma das principais mesas de debate do Fórum Social Urbano (FSU), evento que aconteceu no Rio de Janeiro entre os dias 22 e 26 de março. Freixo e Tancredo debateram sobre o tema “Criminalização da Pobreza e Violências Urbanas” no Fórum que ocorreu em paralelo ao Fórum Urbano Mundial, promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU). A ideia era justamente ser um contraponto ao evento da ONU. Com o tema central “Nos bairros e no mundo, em luta pelo direito à cidade, pela democracia e justiça urbanas”, o Fórum Social teve o objetivo de “desvendar a verdadeira cidade que pretendem esconder atrás de muros e tapumes”, de acordo com a convocatória. Foi organizado por movimentos sociais e lideranças comunitárias e contou com a participação de organizações não governamentais como a Redes de Desenvolvimento da Maré, a Rede de Comunidades contra a Violência e o Observatório de Favelas.



Vista do alto do Morro do Timbau

# Megaeventos: benefícios ou malefícios?

Em 2014 e 2016 o Rio será palco da Copa e da Olimpíada. O que a população ganhará com isso?



O muro, na foto visto em Rubens Vaz, está sendo construído pela Lamsa

Texto: Rosilene Miliotti | Fotos: Elisângela Leite

Eventos esportivos de grande porte, como a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos, atraem interesses econômicos, políticos, sociais e ideológicos. Exigem pesados investimentos por parte dos governos, o que leva a sociedade a discutir o legado desses eventos, ou seja, o que eles deixarão de positivo para a população. Em junho deste ano, a África do Sul será palco da Copa do Mundo de 2010. Daqui a quatro anos será a vez de o Brasil sediar a Copa. O Rio de Janeiro, além do Mundial de Futebol, sediará ainda a Olimpíada de 2016.

Em visita ao Rio para o Fórum Social Urbano em março, o sulafricano Alan Mabin, pesquisador da University of the Witwatersrand, queria saber porque os cariocas estavam comemorando a escolha da cidade como sede desses dois megaeventos. Um dos pontos que mais o preocupa é o valor final das obras realizadas em função dos eventos, que é sempre bem maior do que o previsto. Segundo ele, isso está acontecendo na África do Sul. “Tudo é superfaturado, é uma imensa quantidade de recursos, o que significa uma enorme oportunidade de bons negócios para alguns, mas também uma oportunidade de corrupção, de clientelismo e concentração de poder”, critica.

Segundo Alan Mabin, na África do Sul grandes estádios estão sendo construídos à custa de longas jornadas de trabalho mal remunerado ou em regime de semi-escravidão e ainda assim a taxa de desemprego no país chega a 40%. “Os governantes dizem que haverá emprego e impactos positivos, mas qual será o legado para a África do Sul e quais as oportunidades de negócios para os africanos?”, pergunta.

Além disso, os sulafricanos também poderão sofrer com a falta de transporte, uma vez que o novo sistema desenvolvido ligará apenas a área dos jogos aos hotéis. “Esse tipo de transporte também está previsto para o Rio de Janeiro, além de obras que já estão em andamento mas que irão despejar centenas de famílias”, afirma.

Já o professor Carlos Vainer, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), diz que a única lógica que existe por trás desses eventos é a do mercado, ou seja, a de tornar a cidade um objeto de consumo. Assim, uma parte dos cidadãos se transforma em donos ou acionistas



O morador Luiz Bispo se enjaula na Vila do Pinheiro, à beira da Linha Vermelha, em protesto contra o muro e contra a falta de médicos

majoritários da cidade, enquanto uma outra parte se torna consumidora. E para o restante, que não poderá comprar ingressos para assistir aos jogos, não há espaço na “cidade-mercado”.

## Cidades para gringo ver

As cidades que recebem megaeventos promovem obras de “embelezamento”. E o que é considerado feio é escondido atrás de muros como os que estão sendo construídos ao longo das Linhas Vermelha e Amarela. O tema remoção de favelas para embelezar a cidade não é exclusivo do Brasil. Em Atenas, na Grécia, que sediou as Olimpíadas de 2004, foi construído um muro para esconder um conjunto habitacional antigo da vista dos turistas. Na África do Sul, mais de 20 mil pessoas foram removidas de um bairro pobre, o Joe Slovo, em função de obras para a competição.

Em algumas áreas aqui do Rio, a remoção de moradores está prevista não por motivo de risco para a população que habita esses locais, e sim porque o governo pretende utilizar as áreas para fins relacionados aos dois eventos esportivos. Moradores das favelas instaladas em regiões como Pedra Branca, Restinga, Cortado e Canal do Anil estão apreensivos com a perspectiva de remoção. Em 2007, por causa dos Jogos Pan Americanos, houve tentativa de remover os moradores da Vila Autódromo, em Jacarepaguá, que acabou não acontecendo em razão da resistência da comunidade. Agora os moradores da localidade passam novamente pela ameaça da remoção.

Como se vê, este é o momento de mobilizar a população em torno da questão, para que os megaeventos gerem mudanças estruturais inclusivas e não intervenções excludentes.



# Um Rio por água abaixo

Estado sofre com chuvas e descaso de governantes, que agora ameaçam remoções à força

Texto: Hélio Euclides  
Fotos: Imagens do Povo

Em 1972, o compositor e cantor Tom Jobim já advertia para as “Águas de março fechando o verão”, e em outro verso citava: “É o vento ventando, é o fim da ladeira”. Em 2010 essa chuva chegou no início de abril, mas não trouxe “promessa de vida”, como diz a canção. Muito pelo contrário. As chuvas fortes se encontraram com o descaso de governantes que abandonam a limpeza de bueiros, o saneamento básico, o reflorestamento e a qualidade da moradia. Diante de um estado despreparado, as águas trouxeram desabamentos e mortes.

## O direito do povo

(artigo 429 da Lei Orgânica Municipal)

“VI – urbanização, regularização fundiária e titulação das áreas faveladas e de baixa renda, sem remoção dos moradores, salvo quando as condições físicas da área ocupada imponham risco de vida ou a saúde dos ocupantes, ou ameacem área de interesse de preservação ambiental e a proteção dos ecossistemas, da paisagem e do patrimônio cultural, devendo ser seguidas, na hipótese de remoção, as seguintes regras:

- Elaboração do laudo técnico do órgão responsável;
- Participação da comunidade interessada e das entidades representativas na análise e definição de soluções.
- Reassentamento dos moradores em localidades próximas da moradia ou do trabalho, ou em locais providos de saneamento básico e de transporte coletivo.

Já são mais de 240 vidas perdidas e um número ainda não calculado de pessoas que terão que recomeçar do zero. Após perderem tudo, esses desabrigados continuam em locais improvisados. Para piorar a situação, em 8 de abril o prefeito do Rio, Eduardo Paes, publicou um decreto para legalizar a retirada maciça e à força de moradores que estejam em locais ditos impróprios, mesmo sem laudo técnico. Dias depois o governador Sergio Cabral fez o mesmo.

Para a coordenadora do Núcleo de Terras e Habitação da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, Maria Lúcia de Pontes, há diferença entre desocupação e remoção com demolição. “Nas áreas que estão com desabamento e enchente é natural a saída de moradores, a única coisa que não pode é a demolição. A nossa orientação é a retirada das pessoas, como no Morro dos Prazeres, em Santa Teresa, mais o oferecimento do aluguel social. Já para demolir as casas tem que haver um estudo da estabilidade do solo, a partir da visão de geólogos e engenheiros. E depois apresentar esse estudo à comunidade, e aí sim reassentar, se for o caso”.

A coordenadora ainda sugere a união dos vizinhos. “Não temos o número suficiente de defensores para atender a todos ao mesmo tempo e fiscalizar o ato da Prefeitura. Então pedimos a formação de comissões, para uma integração dos trabalhos junto a Defensoria Pública”, completa.

Fabio Caffé



Fabio Caffé



Morro do Bumba: a grande quantidade de terra que desceu



Fabio Caffé

Momentos de solidariedade

### Moradores não são culpados

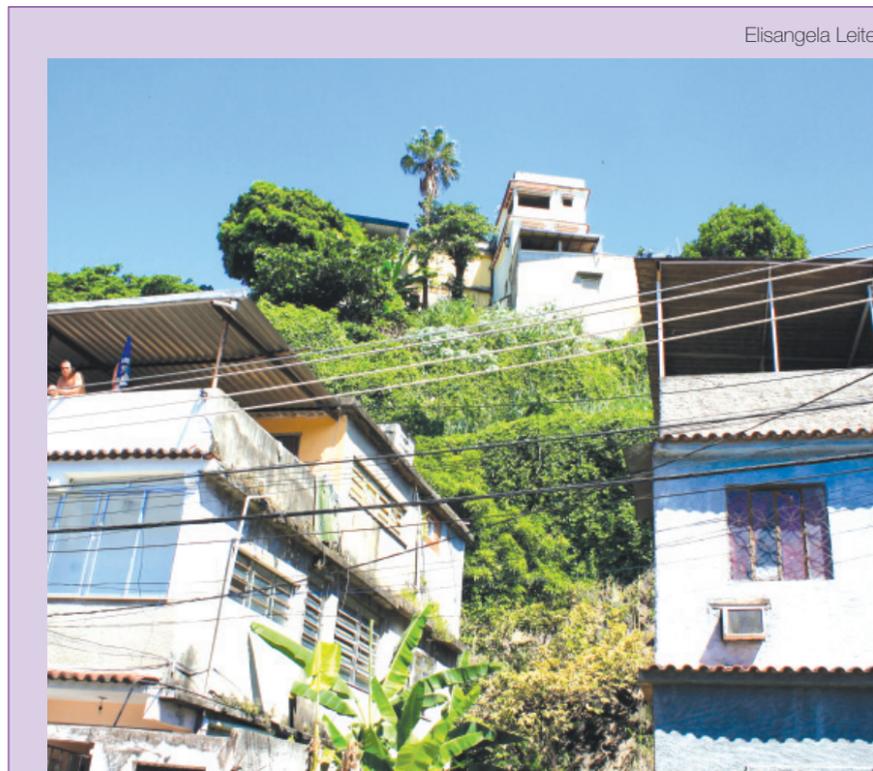
A diretora da Redes de Desenvolvimento da Maré, Eblin Farage, diz que a questão do Rio é histórica. “A responsabilidade não é só dos prefeitos atuais, a ocupação irregular foi feita há anos, e os governantes historicamente fizeram vista grossa. Morar num local de encostas é uma falta de opção; não se pode culpar os moradores por isso. Muitas vezes a escolha do local de moradia ocorre pela proximidade do trabalho”, explica.

Segundo Eblin, o que acontece hoje é consequência de investimentos públicos insuficientes na área de habitação popular. Ela ressalta que o apoio da sociedade nesse momento é fundamental, porém é necessário que o poder público assuma sua responsabilidade. “Não

podemos ficar apenas com a solidariedade das pessoas. É necessário uma ação rápida e eficiente por parte do poder público. Qual deveria ser o papel do poder público nesse momento? Organizar, ser rápido e competente. A ausência e morosidade do poder público, municipal, estadual e federal, dá espaço para que ‘surjam’ políticos oportunistas se aproveitando da situação, pegando as doações e mentindo dizendo que são eles que estão doando para as comunidades”, acusa.

Segundo o diretor executivo da Fundação Bento Rubião, Ricardo Gouveia, três pontos merecem destaques. Primeiro: é preciso revelar o descaso do poder público com o serviço de monitoramento de risco da cidade. “A Geo-Rio tinha que ter o mapeamento e recurso para vigiar, detectar os problemas e mostrar as soluções”, afirma. Segundo: a importância das razões técnicas para reassentamentos. O artigo 429 da Lei Orgânica do Município do Rio prioriza o laudo técnico e a participação da população em casos como esses. Ele ressalta que os poderes públicos só pensam em retirada de favelas para agradar os interesses de alguns. Terceiro ponto: “Somos contra a remoção, pois utilizam artifícios como área de risco para agradar o mercado imobiliário”. Ricardo, para quem remover é o mesmo que despejar, ainda explica que cada um tem o seu papel, inclusive a sociedade civil. “Estamos ajudando a Defensoria pública no Morro dos Prazeres e na Rocinha, e por isso ficamos otimistas, pois a sociedade quer a organização. Os tempos são outros, diferentes da ditadura ou de 30 anos atrás, quando na Maré tinha as palafitas, e não se fazia nada”, finaliza.

Veja mais fotos em [favelaemfoco.wordpress.com](http://favelaemfoco.wordpress.com)



Elsangela Leite

Palmeira de 30 metros ameaça moradores

## Palmeira ameaça cair sobre casas do Timbau

No Morro do Timbau, na Maré, uma árvore na Avenida dos Patriotas, próximo ao número 49, ameaça cair, levando um pedaço da encosta, o que pode vir a atingir as casas próximas. “Aqui existe uma palmeira imperial de 30 metros de altura, que causou o desabamento de parte do terreno, e está trazendo risco de morte a quem está na parte de baixo. Fiz contato com a Defesa Civil, que disse que o órgão responsável eram os Bombeiros, que por sua vez passou para a Comlurb, mas até o momento ninguém fez nada”, denuncia o presidente da Associação de Moradores do Morro do Timbau, Osmar Paiva.

Os moradores concordam com o risco. Eles próprios queriam retirar a palmeira, mas estão impossibilitados pelo risco de uma ação como essa. “Quando chove e venta ninguém fica perto”, conta Tiago Felix.

## O início das remoções

O pontapé inicial das retiradas de casas da área central da cidade foi no princípio do século passado com o prefeito Pereira Passos, entre 1902 e 1906. Com a o discurso da necessidade de saneamento e ordenação da malha de circulação viária, Pereira Passos demoliu casarões e cortiços, abriu diversas ruas e alargou outras. É claro que, por trás dessa ideologia, estava a consolidação, entre outros, dos interesses: da oligarquia cafeeira, de escoamento de sua produção com ampliação das estradas de ferro e do Porto do Rio; das construtoras francesas; das companhias inglesas de

energia e bondes; e da nascente indústria automobilística norte-americana.

Em março de 1906, frente às enchentes que assolaram a cidade, o governo foi acusado de negligenciar o atendimento às vítimas, sobretudo as dos subúrbios. O plano de Pereira Passos implicou em alto custo social. A partir das demolições a população pobre do centro da cidade se viu obrigada a uma rápida ocupação de outras áreas, alavacando uma forma de habitação popular que marcaria a configuração da cidade até os dias de hoje: a formação das favelas.

Na década de 1990, muitos desabrigados pelas fortes chuvas no Rio foram levados para a Maré e ficaram morando em barracas do Exército montadas na Vila do Pinheiro. O grupo depois foi

transferido para alojamentos provisórios, apelidados de Kinder-Ovo. Por fim foram assentados em casas da Nova Maré e outros em Salsa e Merengue. Desta vez, alguns desabrigados estão sendo encaminhados para o 24º Batalhão de Infantaria Blindado, ao lado da comunidade Roquette Pinto. A Comlurb executou a limpeza do quartel, e a transportadora Fresch, a serviço da Prefeitura, vem realizando o transporte dos objetos que sobraram das famílias. Já a 5ª Seção do Comando Militar do Leste informou – por intermédio do Coronel Lima – que o local foi cedido para a Prefeitura. A assessoria de comunicação da Secretaria Municipal de Assistência Social foi procurada, mas até o fechamento desta edição não se pronunciou sobre o assunto.

Colunista

Pedro Otoni\*



## Problema no “asfalto”

Quais as causas da tragédia ocorrida em abril no Rio de Janeiro? Seria o aquecimento global, ausência de estrutura urbana apropriada ou castigo de Deus?

Desastres acontecem, isso é certo, porém se tratando de um fenômeno natural previsível, como as altas taxas de precipitação do Sudeste brasileiro, é fato que a mesma chuva atinge desigualmente os desiguais. Os bairros de classe média foram atingidos, porém as maiores perdas humanas foram sentidas nas áreas habitadas pela grande massa de trabalhadores, em especial nas encostas.

O governo estadual e prefeituras municipais aproveitam o momento para denunciar a precariedade das moradias construídas em terrenos impróprios ou informais. Contudo em nenhum momento foram destacadas as raízes sociais do desastre, a ausência de uma Reforma Urbana ampla, que seja feita por e para a maioria da população, e não contra ela.

As favelas, hoje destacadas pela maioria dos órgãos da grande imprensa e pelos governos como “o problema” urbano central e que leva a catástrofes como as vividas em abril, são na realidade um grande arranjo socioespacial que facilitou o crescimento econômico da segunda maior cidade do país. A acumulação de riqueza no espaço urbano passa, segundo o modelo brasileiro, pela obstrução de famílias trabalhadoras do gozo pleno da “habitabilidade”. A cidade se reproduziu a partir da expulsão dos pobres para áreas de encosta, locais informais e instáveis, capazes de oferecer possibilidades de habitação para famílias de baixo poder aquisitivo.

O padrão de desenvolvimento brasileiro é o grande vilão desta tragédia, pois impossibilitou a massa de trabalhadores de obter o acesso à cidade de forma plena, não apenas como força de trabalho. Não há soluções simples, é necessário abrir as entranhas da cidade, por mais deselegante que isso possa parecer. As favelas são a solução encontrada pelos pobres para sobreviver a acumulação de espaço urbano, e os governos, desde o início da urbanização brasileira, aceitaram essa alternativa.

Agora, o Brasil urbano se depara com uma grande questão que deverá responder, porém alguns preferem condenar os pobres à morte, outros transformar a tragédia em espetáculo. O que poucos discutem é a existência de espaço de especulação, de grandes condomínios fechados que concentram o solo urbano e a possibilidade de segurança habitacional. O problema está no “asfalto” e não no “morro”.

Enquanto a questão habitacional for tratada como um tema privado, pouco poderá ser feito. Enquanto o espaço urbano for gerenciado pelas leis do mercado, a renda e o lucro estarão impossibilitando a vida digna. No período de chuvas, tudo se repetirá. Uma reforma urbana que desconcentre a propriedade do solo é um primeiro caminho.

Não é inteligente tratar as inundações e desabamentos como um fenômeno estritamente climático. Chuvas são fenômenos naturais, pessoas vivendo em encostas instáveis e áreas de alagamento não. Parece óbvio, mas não é para uma sociedade que se acostumou a conviver com desigualdades tão brutais como a brasileira. Aparentemente a miséria é tão natural como as chuvas e, portanto não há outra coisa a fazer do que enviar alimentos e agasalhos para os desafortunados desabrigados. Outros, menos interessados em questões humanitárias, apenas irão se irritar pela ausência do porteiro ou da empregada doméstica que nesta semana não foi trabalhar, alguns não irão mais.

Pedro Otoni é especialista em Economia Política e mestrando em Ciência Política pela UFMG (publicado originalmente em [www.rumosdobrasil.org.br](http://www.rumosdobrasil.org.br)).

Colunista

Christopher Gaffney\*



## Para inglês não ver

Com a Copa do Mundo 2014 e as Olimpíadas 2016, o Rio de Janeiro está em alta, mas, para o bairro da Maré, quais serão os impactos de tantos investimentos previstos para os eventos?

O Rio de Janeiro tem uma larga história de construir projetos e infraestrutura “para inglês ver.” A frase vem do princípio do século XX quando grandes empresas inglesas investiram muito dinheiro no Brasil, incorporando-se na rede do império comercial. Dessa forte presença estrangeira saiu o “esporte Bretão”, nosso futebol, e também projetos de infraestrutura e transporte como o bonde de Santa Teresa. A palavra “bonde” vem da palavra inglesa “bond”, um tipo de empréstimo governamental.

Lamentavelmente, o chamado desenvolvimento sempre veio acompanhado de outros tipos de projetos que poderíamos classificar como “para inglês não ver.” A construção da Avenida Central (hoje Rio Branco), em 1904, foi acompanhada de remoção forçada de moradores de cortiços e de 18.000 prédios. O desabamento do Morro do Castelo, também no centro, em 1922, botou os pobres nos subúrbios. E também por causa de remoções forçadas surgiu a Cidade de Deus, na década de 1960.

Em 2007 vimos um similar embate antes dos Jogos Pan-Americanos e, agora, a Copa e a Olimpíada, com suas dezenas de bilhões de reais em investimento, estão fornecendo a construção dos muros na Linha Vermelha, na altura da Maré.

O raciocínio oficial é que os muros melhorariam a qualidade da vida das comunidades através de uma barreira de som e também ofereceriam emprego para os artistas da comunidade que pintariam sua própria gaiola. O discurso oficial também assegura que os muros protegerão motoristas de assaltos porque dificultarão o acesso dos “criminosos.”

O projeto e o raciocínio dos muros são ruins pelas seguintes razões. Erigir muros não é uma solução para problemas ambientais; plantar árvores é. E se solucionassem, esses muros nem conseguiriam bloquear o som de trânsito, precisariam ter uma altura mínima de 10 metros. Em vez de diminuir a integração das favelas com o asfalto, os muros estão aumentando a segregação socioespacial.

Os muros estão sendo construídos nas vias principais do aeroporto internacional ao centro e à zona Olímpica da Barra de Tijuca. Fica bastante claro que o projeto é para esconder e não melhorar as comunidades. Por que investir tanto dinheiro num projeto que não pode solucionar os problemas da comunidade (trabalho, meio ambiente, educação, infraestrutura), que não pode melhorar as condições de vida, que não tem outra meta além de esconder a vida real das comunidades e do cidadão comum dos olhos estrangeiros?

As perguntas a que os muros respondem são erradas. Perguntas corretas exigem soluções que custarão aos donos da cidade uma mudança de sua visão para incluir a Maré, e não construir muros “para inglês não ver”.

\*Christopher Gaffney é geógrafo, professor visitante do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Noel Joaquim Faiad

# Fique de olho!

Saiba o que fazer em caso de desaparecimento de crianças e também como prevenir o problema

Texto e foto: Rosilene Ricardo

Imagine a dor de uma mãe ao ver que seu filho não retorna para casa e ela não sabe onde ele está? Isso acontece com cerca de 40 mil famílias todos os anos no Brasil, de acordo com dados da Fundação para a Infância e Adolescência (FIA), órgão do governo do estado. Felizmente, a maioria dos casos é resolvida em menos de 24 horas. Desde 1997, quando a FIA criou o Programa SOS Crianças, já foram registrados 2.776 desaparecimentos de crianças e adolescente no estado, 2.344 já encontrados, segundo balanço realizado em agosto do ano passado.

Na Maré, o desaparecimento da menina Gisela Andrade de Jesus, de 8 anos, mobilizou toda a comunidade. Ela foi vista pela última vez em 25 de fevereiro, enquanto bebia água em um posto de gasolina perto da saída da Escola Bahia. Normalmente a menina ia para a escola com sua mãe e voltava com o responsável de uma colega. Segundo Lenivanda de Souza Andrade, 32 anos, mãe da menina, nesse dia ela pediu para a amiga não acompanhá-la. “Não sei por que ela fez isso, mas quando ela voltar, vou perguntar”, diz. De acordo com a mãe, a câmera que fica localizada no posto, que poderia ajudar a desvendar o ocorrido, estava quebrada.

A delegada Valéria de Castro, da 21ª Delegacia Policial, em Bonsucesso, que acompanhou o caso, explica por que o caso demorou a ser levado para o âmbito nacional. “O caso ainda ficou aqui por um mês, porque existiam várias denúncias a serem investigadas, mas todas em vão. Na Divisão de Homicídios, a procura continuará, só que no âmbito nacional”, explica.

Segundo o vice-presidente da FIA, Cristiano Tebaldi, existem dois tipos de desaparecimento. O enigmático, que exige um processo de investigação policial e requer mais tempo para conseguir êxito; e os temporários, que incluem as pessoas que retornam para casa entre 24 horas e uma semana. “A FIA não trabalha sozinha nessa temática, por isso temos êxito de 85% dos casos. Isso se dá pela divulgação em vários meios de comunicação que não se restringem só aos de jornalismo (rádio, televisão e jornais). Temos como exemplo uma parceria com a Supergasbras, que imprime nas cartelas presas aos botijões a foto de uma criança desaparecida. Isso também é comunicação”, explica.

A FIA, instituição que trabalha com crianças de até 12 anos e adolescentes com até 18 anos, tem como meta criar um cadastro nacional de desaparecidos. Em geral não é possível acessar o cadastro de outro estado para saber se uma criança perdida, que esteja nessa região, saiu do Rio de Janeiro ou de qualquer outro local. “É perturbador saber que existe um cadastro nacional para carros roubados e se criam vários obstáculos para fazer um com vidas humanas. Outra meta é criar um sistema nacional de alerta, que emita um chamado para todos os órgãos de segurança do Brasil nas rodovias e aeroportos”, ressalta.

## Orientações aos pais ou responsáveis

Tebaldi conta que, em março, outra criança de oito anos desapareceu. Ela morava em Bonsucesso, mas estudava na Maré e voltava para casa sozinha todos os dias a pé pela Avenida Brasil. Até o fechamento desta edição de *Maré Notícias*, a menina não havia sido localizada. “Isso tudo se deu por pura negligência familiar, que não acompanhou essa criança na saída da escola. E da escola, que deixa uma criança com essa idade sair desacompanhada. Os pais não devem delegar o trabalho de cuidado da criança para outra pessoa,



Lenivanda com a foto da filha, Gisela, desaparecida na Maré

nem transferir a responsabilidade para a própria criança, que não tem capacidade de se auto tutelar”, orienta. Muitas mães, entretanto, trabalham fora e não conseguem acompanhar os filhos nem têm com quem contar.

A instituição promove rotineiramente ações de incentivo à cultura de identificação. O trabalho é feito com pulseiras bem coloridas, nas quais é possível escrever os dados da criança. “Criança com uma determinada idade não pode ir a um lugar de grande circulação sem estar identificada”, alerta. A Fia oferece a pulseira gratuitamente, mas os responsáveis podem criar o seu próprio método, como um cartão guardado no bolso do menor.

## O que fazer

Em caso de desaparecimento, a FIA sugere aos responsáveis as seguintes atitudes: procure a criança ou o adolescente na casa de amigos e parentes próximos. Se não encontrar, vá imediatamente fazer o registro na delegacia mais próxima do ocorrido. Não é necessário esperar 48 horas. A lei 11.259, de 2005, determina investigação imediata em caso de desaparecimento. Em seguida, vá até a FIA para receber atendimento psicossocial. Os pais receberão também cartazes para colar no local onde vivem e orientações sobre o que deve ser feito.

É possível ainda pedir à Redes da Maré para anunciar o desaparecimento pelo alto-falante, pois muitas vezes a criança sai de casa porque vê a porta aberta e acaba se perdendo dentro da própria comunidade ou em área próxima.

### A quem recorrer:

**21ª Delegacia Policial – Bonsucesso**

Av. Democráticos, 1.322

Valéria de Castro

Plantão: 2334-7445 / 2334-7450 a 7455

**Fundação para a Infância e Adolescência (FIA)**

Rua Voluntários da Pátria, 120 - Botafogo

Telefones: 2334-8012 / 2334-8030 / 2334-8014

E-mail: fia@fia.rj.gov.br



Ceramista na Maré



Técnica de origem africana

Thiago Ripper

## LIVRO

## Notícias do Mirandão

Fernando Molica  
(Editora Record, 224 páginas)

Um grupo de estudantes de esquerda se instala em uma favela, o Morro do Mirandão, no Rio de Janeiro, e se associa aos traficantes de drogas para realizar uma revolução socialista no país. O grupo revolucionário, insatisfeito com o processo eleitoral, decide partir para a luta armada. O objetivo: unir a teoria revolucionária com a prática dos grupos armados ligados ao tráfico.

Com o propósito de não repetir erros do passado, os jovens acreditam que a revolução tem que ser puxada pelas lideranças autenticamente populares, e não pelos moradores das áreas nobres da cidade. É na favela que a revolução tem que começar, com o apoio dessa parcela da população. Esse é o cenário do primeiro romance do jornalista Fernando Molica.

Mais do que uma história de ficção e de entretenimento, o romance nos faz refletir sobre a situação sociopolítica do país nos dias atuais. As histórias estampam a pluralidade do Rio de Janeiro e aponta problemas do dia a dia da cidade, colocando as desavenças entre traficantes, políticos, líderes comunitários, policiais, jovens universitários, ex-militantes dos anos 1970, comerciantes e usuários de drogas. Em torno disso tudo, um jornalista busca desvendar o que realmente acontece no Mirandão.

O autor, Fernando Molica, é carioca de Piedade, na zona norte do Rio, assina a coluna Informe do Dia, do jornal O Dia, é diretor da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) e coordenador do MBA em Jornalismo Investigativo e Realidade Brasileira da Fundação Getúlio Vargas (FGV). (Texto: Vitor Castro)



## CURSO

## Cerâmica Negra

O projeto Mulheres Ceramistas da Maré, desenvolvido pela Ação Comunitária do Brasil, na Vila do João, ganhou novo impulso. A Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, da Presidência da República, apoiará o curso, previsto para começar no segundo semestre. Com o objetivo de contribuir para a autonomia econômica das mulheres da Maré, o curso ensina técnicas primitivas de origem africana de fabricação de objetos decorativos de cerâmica, incorporando ao trabalho um conteúdo étnico que valoriza o produto. Mais informações: Rua 11, 243 Vila do João – tel.: 2260-3197.

Divulgação



## FILME

## Quem quer ser um milionário

Ano: 2008 / Direção: Danny Boyle

Um jovem pobre que passou sua infância fugindo da miséria e da violência decide se inscrever em um programa popular da TV indiana chamado: "Quem Quer Ser Um Milionário?", uma espécie de Show do Milhão na Índia. No início, ele foi desacreditado, mas a cada resposta certa os produtores do programa passam a se perguntar como pode um garoto pobre, morador de favela, ser capaz de acertar as respostas?

Essa dúvida leva o jovem a ser interrogado pela polícia, para explicar como pode saber as respostas. No interrogatório ele conta sua história: a morte da mãe, a vida na rua ao lado do irmão e a paixão que ele tem por uma jovem. Só assistindo ao filme, com oito prêmios do Oscar e quatro Globos de Ouro (incluindo Melhor Filme, Direção e Roteiro nos dois prêmios), é possível saber se o jovem consegue provar sua inocência e receber o tão sonhado prêmio. (Texto: Vitor Castro)

## ANIVERSÁRIO

## Festa em Marcílio Dias

A Biblioteca Comunitária Nélida Piñon, em Marcílio Dias, realizará uma série de atividades no sábado, 8 de maio, em comemoração ao terceiro aniversário da instituição. A festa começará às 9h e seguirá até as 21h.

Veja algumas dicas:

- 9h:** Abertura
- 14h:** Contação de histórias para as crianças e painel sobre História da Maré (Marcílio Dias - Kelson's).
- 16h:** Diplomação dos formandos em Informática

**18h:** Lançamento da Cordelteca seguido de apresentação de Violeiros e Cordelistas

**21h:** Encerramento

Informações com o fundador da biblioteca, Geraldo de Oliveira.  
E-mail: ds.honorato@gmail.com

## SAÚDE

## Alcoólicos Anônimos na Maré

Existem vários grupos dos Alcoólicos Anônimos nas comunidades do bairro. Esses grupos reúnem homens e mulheres que enfrentam essa questão. Juntos, eles compartilham suas experiências com o objetivo de resolver o problema do alcoolismo. Veja abaixo onde participar na Maré e na Cidade Universitária:

- Paróquia Jesus de Nazaré  
Rua Ivanildo Alves, 83  
Reuniões: quartas, sextas e domingos, às 19h
- Av. Nossa Senhora da Penha, 99 - Marcílio Dias  
Reuniões: quartas e sextas, às 19h e domingos, às 10h
- Via A/1, 104 - Vila do Pinheiro  
Reuniões: segundas, quartas e sextas, às 10h e às 19h
- Igreja Nossa Senhora da Paz  
Rua Guanabara, 2 - Parque União

Reuniões: todos os domingos, às 17h

- Rua Nossa Senhora Aparecida, 166 - Praia de Ramos  
Reuniões: quintas, às 19h
- Rua 14, 234 - Vila do João  
Reuniões: segunda a sexta-feira às 19h, sábados às 18h e domingos às 14h
- Igreja N. S. dos Navegantes  
Rua Luiz Ferreira, 217  
Reuniões: segundas, quartas, quintas, sextas e sábados, às 19h, e aos domingos, às 10h
- Rua Teixeira Ribeiro, 657 - 2º andar - tel.: 2590-7549  
Reuniões: todos os dias, às 10h e às 19h
- Rua Sargento Silva Nunes, s/nº, no Galpão da Igreja Nova Holanda  
Reuniões: de quinta a sábado, às 19h, domingos, às 15h
- Hospital Universitário do Fundão (ao lado da entrada principal)  
Reuniões: quartas-feiras, às 15h

# Cimento, terra e batom

Canteiros de obras antes dominados por homens, abrem espaço para batons, brincos e esmaltes



Mulheres são mais zelosas nos serviços de acabamento

Texto e fotos: Rosilene Miliotti

De acordo com a Relação Anual de Informações Sociais (Rais), o número de mulheres que atua na construção civil aumentou 65% nesta década. Entre os motivos estão os inúmeros cursos e projetos de qualificação profissional voltados para elas. Fátima Cristina, de 40 anos, moradora da Vila do Pinheiro, há dois anos fez o curso no Serviço Social da Indústria (Sesi). O que a motivou foram os pedreiros que iam a sua casa fazer obra, mas não executavam o serviço direito e ainda faltavam ao trabalho. Apesar de seu marido ser pedreiro, ela sempre precisava chamar alguém de fora. “Já ouviu o ditado: casa de ferreiro, espeto é de pau? É o que acontece lá em casa”, brinca.

Assim como Fátima, muitas mulheres procuram o curso para aprender a se virar sem uma presença masculina. É o caso de Cléo Elizabete, de 24 anos, moradora da comunidade de Marcílio Dias, que acaba de se inscrever em um novo curso que acontecerá na Maré. Seu objetivo é conquistar independência e o curso foi um incentivo para ela voltar a estudar. Mãe de Lucas, de 3 anos, Cléo conta que já teve que desentupir bueiro porque nenhum homem quis fazer isso, nem seu pai. “Estou desempregada, parei de estudar por causa da gravidez, moro com meus pais e quem me ajuda é minha mãe que faz hemodiálise. Quero dar um futuro melhor para meu filho”.

Adrielle Sodré, 22 anos, moradora do bairro Nova Aurora, em Belford Roxo, trabalha nas obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), no Alemão, e conta que seu serviço é como o dos homens, apenas menos pesado fisicamente. “Fiz o curso chamado Mão na Massa e, apesar de terem alertado sobre o preconceito, achei que iria ter, mas não tem. Tem encarregado que fala que gostaria que todos os trabalhadores fossem mulheres porque é mais fácil de trabalhar”, revela. Fátima, por sua vez, percebeu uma certa intolerância preconceituosa dentro de sua própria casa. Hoje ela trabalha como ascensorista, mas gosta de fazer reparos em casa.

Geraldo de Oliveira, idealizador da Biblioteca Néida Piñon, de Marcílio Dias, onde acontecerá o curso Mulheres Construindo um Novo Rio, diz que o homem não valoriza a mulher. “Infelizmente o preconceito não vai acabar, mas o projeto prevê que os empresários locais possam dar prioridade para a contratação das mulhe-



Adrielle trabalha na obra do PAC do Alemão

res que participarem do curso. Eu mesmo já estou de olho para que, durante as aulas práticas, as alunas possam fazer pequenas reformas aqui na biblioteca, na praça, na igreja, na associação”, conta ele, para quem o trabalho feminino deve ser mais valorizado, porque a mulher é muito mais zelosa do que o homem e isso faz diferença no acabamento. “O toque feminino faz diferença”.

## Unhas feitas e mãos à obra

Projetos como o Mão na Massa e Mulheres Construindo um Novo Rio têm em comum o resgate da autoestima feminina e a colocação da mulher no mercado de trabalho formal. Ruth Jurberg, coordenadora do PAC Social do Estado do Rio de Janeiro do complexo do Alemão, Mangueiras e Rocinha, recebeu das lideranças comunitárias indicações de mulheres para participar do projeto Mão na Massa. “O projeto possibilita a ampliação do quadro de mulheres na construção civil, principalmente na parte de acabamento porque a mulher tem mais cuidado”, compara. No Alemão já está sendo formada a segunda turma, totalizando 120 mulheres qualificadas. Segundo Ruth, um novo convênio já foi fechado e mais 75 mulheres serão formadas para atuarem em outras comunidades.

Já o projeto Mulheres Construindo um Novo Rio irá capacitar 600 candidatas com idades entre 18 e 40 anos, que se encontram em situação de vulnerabilidade social, para atuar em obras nas comunidades de Cidade de Deus, Jacarezinho, Vila Paciência, Mangueira, Morro da Formiga e Kelson's. O curso, ministrado pela ONG Semear com patrocínio da Prefeitura do Rio e do governo federal, terá duração de cinco meses. As mulheres vão receber capacitação em alvenaria, pintura e assentamento de cerâmicas e azulejos. Além da qualificação técnica haverá aulas de cidadania, equidade de gênero, raça e etnia, cooperativismo, economia solidária, meio ambiente, mercado de trabalho, segurança e saúde no trabalho. Após o curso, as alunas poderão ser encaminhadas para atuar nas obras do Programa Minha Casa, Minha Vida.

Para quem se preocupa, vale adiantar que o serviço na obra não tem afetado a vaidade feminina. Adrielle conta que trabalha de brinco e sempre dá um jeito de passar batom. Cléo, que fará o curso em Marcílio Dias, diz que tem luva para trabalhar, mas que se o esmalte estragar, pinta a unha novamente.

# Prosas e versos de três moradores

Leitores de *Maré de Notícias* escrevem sobre criança, fome, mulher negra e paixão

## Nada

Autor: Odair Azevedo

Segunda-feira. O relógio o desperta metodicamente às 6h, embora já estivesse acordado desde 5h30. Liga o rádio para manter-se informado, já que não gosta de ler jornais. O café requentado e o pão do dia anterior em nada invalidam a sensação de bem estar em que seu espírito está envolto. Mais uma visita ao espelho para conferir o cabelo, agora já seco. Abotoado põe a gravata. Contempla os sapatos novos. Passa a mão sobre a camisa procurando a barriga. Se acha bem para seus 43 anos a se completar na quinta-feira da mesma semana. Mesmo assim a insegurança o estrangula. Sai às 6h45. O colarinho molhado é a confirmação da alta temperatura dentro e fora do coletivo. Passa seu cartão às 8h, comprovando presença para seu ofício. Dá um bom dia à recepcionista, que lhe retribui. Liga o computador, verifica os recados, analisa as planilhas, quando é surpreendido por um bom dia pueril e descontraído. Retribui. Tenta acalmar-se. Uma única frase, que ecoará durante todo o dia, indo e vindo em sua mente. Respira profundamente. Tornou-se viciado naquele perfume cítrico, personalizado, que torna-se único quando reage com aquela pele bronzeada do final de semana.

Chega em casa molhado, verão é assim mesmo, muito quente, depois desaba água. Escuta a chuva correndo pelas canaletas. A sala ilumina-se por alguns instantes, fruto dos raios. O vento passa por entre as frestas da janela, sussurando ofensas em seus ouvidos: acha mesmo, seu trôpego néscio, que tem alguma chance? Aviltado acende um cigarro, apaga antes de acabar. Vai até o chuveiro, mas a água não refrigera seu coração, que arde. Deita-se. Ignora o presente antecipado na cabeceira da cama, o livro "A Montanha Mágica", de Thommas Mann. Paralisado, inerte, sem dormir. Ausência total de ação. Entrega-se ao nada. Que lhe abraça e o afaga.

## Criança de rua

Autora: Maria Euzete Rodrigues

(escrito quando tinha de 10 para 11 anos de idade)

Me dá um café, um lanche ou um biscoito? Pois estou sem comer desde ontem.

Na lanchonete, muitas pessoas ignoram a pobre criança. Já sem esperança se encaminha até a saída, quando ouve uma voz suave que a chama: Venha, filho, sente-se aqui. Vou te pagar a primeira refeição. Depois você pode seguir.

Depois de tomar o café, a criança agradece e sai dali, ainda pelas ruas sem nada conseguir. Sem lar, a criança não tem onde almoçar. Pede a um, pede a outro... não conseguindo então nada além do que um simples pedaço de pão. A criança come aquele pedaço de pão e segue seu caminho sem nada trazer nas mãos.

A tarde chega e com ela a fome devastadora, e a criança fraca, sem forças nas pernas para andar, se senta num cantinho e começa a chorar, pois já eram nove horas e a criança não tinha arranjado quem lhe pagasse o jantar.

Mas quando tudo parecia perdido para ela, apareceu um rapaz que perguntou: Por que choras? E a criança levanta a cabeça e diz para o rapaz: É que já é noite, as horas avançam e eu hoje não almocei, e estou até agora com um pedaço de pão que ganhei. Então aquele jovem movido de compaixão pega a criança pela mão e a leva a uma pensão 24 horas e pede uma refeição. A criança come sentindo alívio no coração, pois lhe voltam as forças e já pode dormir então. Agradecida, a criança sorri e, com um aperto de mão, se despede do jovem cidadão, certa de que sua cama será em qualquer lugar em um pedacinho de chão. Por colchão um papelão, por lençol uma ou duas folhas de jornal.

O mais cruel é que para as autoridades isso é muito natural.

"Estudar não é coisa do passado. Quem vive de passado é museu. Estude, lute com garra, mostre a todos o que aprendeu."

## As mulheres negras que vivem nela

Autora: Shyrlei Rosendo

A Mulher Negra que vive dentro dela;  
É antes de tudo uma mulher!  
Com mais ou menos 30;  
Com alguns fios brancos,  
Com alguns dreadês no cabelo,  
Com alguns fios pintados,  
Com as unhas sempre feitas.

A Mulher Negra que vive dentro dela;  
É mãe, mansinha, mãe-zona  
Que se levanta, todos os dias,  
antes do sol nascer.

Despertando Dora, Pedro,  
Sofia, Maite, Igor, João e Julia  
com beijos do tamanho  
do céu.

A Mulher Negra que vive dentro dela;  
Sempre foi e sempre será  
amiga.  
Concubina Negra que cultiva  
amizade como os jardineiros  
cultivam as flores.

A Mulher Negra que vive dentro dela;

Sempre foi companheira,  
Pois compartilha o pão na  
direção da justiça.

A Mulher Negra que vive dentro dela;  
Também é criança, do tipo  
que se suja com tinta  
Do tipo que se suja com lama,  
Do tipo que pinta.  
Do tipo que canta!

A Mulher Negra que vive dentro dela;  
Às vezes fica velha,  
Às vezes fica agoniada,  
Às vezes fica ranzinza e brava.  
Às vezes, velha de tanto  
ser injustiçada!

A Mulher Negra que vive dentro dela;  
Não carrega lata d' água  
na cabeça;  
Não carrega o mundo  
nas costas;  
Trabalha e carrega  
os livros que  
a faz ser Negra.

Ela podia ser,  
Mulata,  
Morena,  
Negrinha ou pretinha.  
Mas ela pode escolher ser  
Negra!



**Participe desta página!** Envie suas fotos, desenhos, grafite, poesia, crônica...

A seção ESPAÇO ABERTO foi criada para que você, leitor do novo jornal da Maré, possa mostrar a todos a sua arte: uma fotografia, uma ilustração, uma poesia, uma crônica! O importante é participar! Envie a sua arte para a Redação do Jornal, na Redes da Maré - rua Sargento Silva Nunes, 1012 - Nova Holanda; ou pelo e-mail: comunicacao@redesdamare.org.br